



# Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

## Chips em crise e empresas com medo

### Revolução produtiva prometida pela IA exige investimentos pesados

Se você costuma alugar carros, já deve ter dirigido veículos novos, mas com equipamentos multimídia antigos. São criaturas da crise dos chips, que abalou o mercado em 2021.

À época, incêndios em fábricas de semicondutores coincidiram com a explosão da demanda por eletrônicos. Computadores e celulares encareceram. Chassis ficaram parados nas montadoras, que recorreram a adaptações para entregar os veículos.

Agora, um relatório do Deutsche Bank aponta um novo capítulo dessa história, provocado pela corrida da inteligência artificial. O gargalo está nos chips de memória. As fabrican-

tes estão direcionando mais capacidade para a HBM, memória de alta velocidade usada em data centers, cuja produção exige cerca de três vezes mais silício do que a convencional.

Quanto mais a indústria atende aos projetos de IA, menos capacidade sobra para computadores, celulares e carros. Uma nova fábrica demora de dois a três anos para ficar pronta, e a oferta pode seguir apertada além de 2028.

Nos Estados Unidos, os preços ao produtor de componentes eletrônicos subiram 26,9% em maio, ante 5,9% em janeiro. O Deutsche Bank chama esse efeito de "imposto inflacionário da memória", no qual o consumidor

ajuda a pagar pela corrida da IA ao comprar um computador, celular ou carro.

A crise também explica a volatilidade das bolsas asiáticas. As coreanas Samsung e SK Hynix respondem por quase 70% da produção de DRAM, a memória que guarda temporariamente os dados necessários para computadores, celulares, servidores e carros funcionarem. Quando a demanda por IA cresce, a Coreia do Sul se beneficia. Quando surgem dúvidas, essa concentração joga contra o país.

Nesta sexta-feira, o índice Kospi (Ibovespa coreano) caiu mais de 8% e acionou um circuit breaker, mecanismo que suspen-

de as negociações para conter o pânico. As fabricantes de chips ficaram no centro das vendas.

Mas a incerteza não está restrita às bolsas. Juros elevados pressionam as contas, enquanto a revolução produtiva prometida pela IA exige investimentos pesados. Ninguém sabe quanto gastar, onde cortar, quais projetos darão retorno e em quanto tempo.

É nesse ambiente que as companhias passaram a buscar executivos financeiros mais experientes. Pesquisa da Russell Reynolds, publicada pelo Monitor do Mercado, mostra que a rotatividade de CFOs atingiu em 2025 o maior nível da série histórica: 10% acima de 2024.

No Brasil, cerca de 40% das posições mudaram de mãos. Enquanto 57% dos nomeados no mundo assumiram seu primeiro

mandato, a procura por profissionais experientes cresceu 7,5%, também um recorde. No Brasil, 65% dos novos CFOs já haviam ocupado a cadeira.

O recado dos conselhos parece claro. Em meio a investimentos bilionários, custos crescentes e cortes, há menos espaço para aprendizado. As empresas que rem profissionais capazes de decidir sob pressão, preservar caixa e explicar quando a promessa da IA produzirá lucro.

A inteligência artificial segue como promessa econômica e a crise da memória mostra que ela já cobra um preço, antes de entregar crescimento amplo ou segurança.

Os estragos da volatilidade nas bolsas asiáticas e as mudanças nos times das empresas podem ser mais relevantes para o Brasil do que o ruído eleitoral.

Dívida pesando ou caixa apertado?

Com o Desenrola Brasil no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



banrisul

NOVO DESENROLA BRASIL  
SAC 0800 646 1515  
Ouvidoria 0800 644 2200

## Saldo de emprego formal é positivo em 72.960 vagas em maio no País

/ TRABALHO

O Brasil abriu 72,9 mil vagas de trabalho formal em maio, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

É o segundo mês seguido que a geração de empregos bate recorde negativo, com o pior resultado para maio desde 2020, ano da pandemia. Em abril, foram geradas 85 mil vagas, também pior resultado em seis anos.

A economia brasileira teve 2,2 milhões de contratações e 2,1 milhões de demissões em maio. No acumulado de janeiro até agora, o saldo é de 767 mil empregos formais também o pior resultado desde a pandemia. No mesmo período do ano passado, o saldo foi de 1 milhão. Já no acumulado dos últimos doze meses, o saldo foi positivo, com mais 973 mil, um aumento de 2,1% no período.

Segundo Luiz Marinho, minis-

tro do Trabalho, a queda no número de empregos neste mês é resultado do impacto da alta dos juros, para além dos efeitos da guerra no Irã. Hoje, a Selic está em 14,25% ao ano. O presidente do Banco Central, Gabriel Galipolo, tem sido alvo de críticas entre os governistas pela taxa elevada.

"Não sei o que acontece com o Banco Central. A política monetária do jeito que está tem gerado efeito muito negativo no mercado de trabalho. Também há um efeito guerra, que criou transtorno no mercado global e tem consequências para o Brasil. O ritmo poderia ser muito superior ao que estamos rodando."

Todos os cinco principais agrupamentos da economia tiveram saldo positivo no mês de maio. O setor com maior número absoluto de novas vagas foi o de serviços, com mais 45 mil novos postos formais, seguido pelo setor de construção, com mais 12 mil. O resultado positivo para o setor de

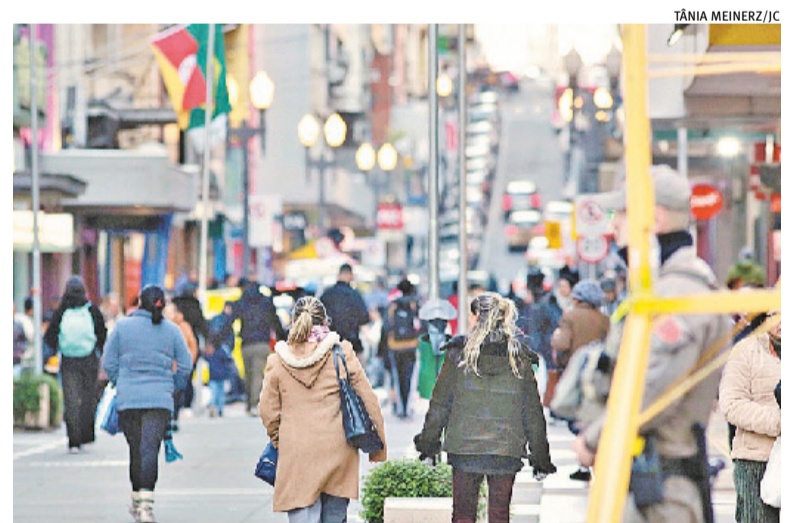
comércio foi ínfimo, com apenas 40 vagas criadas.

No setor de serviços, com melhor resultado, houve alta no segmento de saúde e serviços sociais, seguido pelo de atividades administrativas, que teve aumento de 11 mil.

A agropecuária, que vinha registrando saldo negativo, teve uma alta no mês de maio, impulsionada pela geração de emprego no cultivo de café (com mais 17,6 mil vagas), de laranja (com mais 2.458) e cana-de-açúcar (com 828).

Na indústria, o resultado foi de mais 4.974 postos formais de trabalho, puxado pela alta na fabricação de veículos, de produtos derivados do petróleo e no de alimentação. Já no comércio, em que a alta foi menor, houve um crescimento no comércio e reparação de automotores.

Por estado, as maiores altas foram no Espírito Santo, onde houve aumento de 1% no total de empregos formais, segui-



TÂNIA MEINERZ/IC

Geração de vagas no mês tem pior resultado para maio em seis anos

do por Acre e Piauí, com 0,7% e 0,5%, respectivamente.

Já os piores desempenhos foram para Tocantins, com uma queda 0,32%, seguido pelo Rio Grande do Sul, com menos 0,2%, e Goiás, com menos 0,17%.

O salário médio real de admissão passou de R\$ 2.402,07 em abril para R\$ 2.384,10 em maio, uma queda de 0,75%. Frente ao mesmo mês do ano anterior, o salário de maio aumentou 1,50%.

No acumulado do ano, quatro dos cinco grandes setores da atividade têm saldos positivos: serviços

(+493.917), construção (+154.448), indústria (+128.353) e agropecuária (+16.904). Em contrapartida, o saldo do comércio é negativo em 26.274 vagas.

São Paulo é o Estado com mais postos formais criados em números absolutos, com saldo positivo de 215.924 no acumulado do ano. Em seguida, aparecem Minas Gerais (+87.375) e Santa Catarina (+61.658).

Na outra ponta, os menores saldos acumulados no ano são de Alagoas (-11.240), Rio Grande do Norte (+215) e Roraima (+1.667).